

# Nossa Voz

# אונדזער שטימע

# 우리 목소리

# Nuestra Voz



Reunião do Comitê Editorial que aconteceu em 20 de janeiro de 2014 na Casa do Povo.

foto: Camila Piccolo

### Oito edições, uma publicação

Esta publicação terá 8 edições que serão lançadas ao longo de 2014. Cada edição é uma folha que funciona tanto como material independente como dentro de uma coletânea.

Incentivamos nossos leitores a colecionar cada folha, incluindo uma dentro da outra, obtendo, no fim, a publicação completa!

### Onde encontrar o jornal?

O *Nossa Voz* será distribuído mensalmente na Casa do Povo, na Pinacoteca do Estado, na Oficina Cultural Oswald de Andrade, no Arquivo Histórico Municipal, e em outros estabelecimentos do bairro do Bom Retiro e pontos culturais da cidade.

## RESISTÊNCIAS

# LE

# WAN

Não há data mais importante na Casa do Povo do que o 19 de abril, dia em que é comemorado o Levante do Gueto de Varsóvia. O episódio ocorreu em 1943, quando, às vésperas do Pessach (páscoa judaica), os cerca de

**60.000 judeus romenos** do gueto – conscientes que seu destino era os campos de concentração –, **rebelaram-lhes heroicamente contra as tropas nazistas. A resistência** durou três semanas e terminou com a morte de 50.000 judeus, além da destruição total dos edifícios do Gueto. Esses homens e mulheres são lembrados todos os anos como heróis da resistência, que preferiram morrer dignamente em vez de se submeterem aos nazistas.

Na edição do *Nossa Voz*, de 17 de abril de 1947, Israel Fretbort, relembrou com um poema o acontecimento que naquele ano completava o seu quarto aniversário. Em um dos trechos, Fretbort dizia:

*Era a angústia e o heroísmo ardente, a dor e a vitória, a alegria e a morte que se casavam*

*“Uma -canção nos lábios... e um fuzil na mão’.*

*Os nazistas eram o alvo, mas a posteridade a mira.*

*Lutavam! sofriram por nós. Por nós tombaram e mataram.*

*■*

## Marina Lorenzi

*■*

Foi essa herança de resistência dos judeus do Levante do Gueto de Varsóvia, a não aceitação de que sua cultura e seus ideais fossem dizimados, que motivou a formação da associação fundadora da Casa do Povo. Determinados a construir o futuro, sem se esquecer o que os levou até aquele lugar, os judeus progressistas responsáveis pelo projeto da Casa do Povo ensinaram que, para haver liberdade, é preciso haver resistência.

Essa ideia acompanhou, e se mantém viva, ao longo dos mais de 60 anos de história da instituição. O ensino da língua iídiche – para muitos considerado um idioma morto –, aos alunos do colégio Scholem Aleicheim até o seu fechamento nos anos 1980, era um exercício de resistência. Assim como a apresentação de peças consideradas subversivas no teatro TAIB durante a ditadura militar brasileira, fazendo com que o endereço na Três Rios se tornasse um dos pontos da resistência cultural e política em São Paulo.



A Casa do Povo enfrenta hoje novos desafios e obstáculos, sejam esses financeiros, estruturais, ligados à especulação imobiliária ou à necessidade de se adaptar ao contexto de um bairro que sofreu diversas mudanças com o passar das décadas. Talvez outras instituições não teriam conseguido perecer ao meio de tantas adversidades. Porém, o edifício foi construído sob uma base sólida, a associação de pessoas que se miravam no exemplo daqueles que lutaram durante o Levante do Gueto de Varsóvia, abrindo espaço para que as gerações seguintes, de judeus e não judeus, pudessem escrever as suas próprias histórias.

- 

# Tortura nunca mais?

**Em conversa com Marcelo Zelic**

*■*

O **Grupo Tortura Nunca Mais-SP**, iniciou suas atividades em 1976 ainda de forma clandestina, com o intuito de ser um instrumento de luta dos familiares dos mortos e desaparecidos e dos torturados políticos do período da ditadura militar. Registrado como entidade da sociedade civil em 1987, o grupo atua em defesa dos direitos humanos, civis, econômicos, sociais, culturais e ambientais, com ênfase na luta contra qualquer forma de agressão e tortura. A seguir, uma entrevista realizada com Marcelo Zelic, vice-presidente do Grupo Tortura Nunca Mais-SP.

**Nossa Voz** Quais são atualmente as linhas de investigação e atuação do Grupo Tortura Nunca Mais-SP?

**Marcelo Zelic** O Grupo Tortura Nunca Mais-SP, além de acompanhar questões ligadas à tortura, desenvolve trabalhos junto ao Comitê Contra o Genocídio da População na Periferia, acompanhando diversos casos como: a repressão aos movimentos sociais no que diz respeito ao uso abusivo de armas, os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade em temas ligados à censura, perseguição aos índios, além de analisar casos de mortos ou desaparecidos políticos e atuar no Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana - CONDEPE.

- 

## NA CASA DO POVO

# RÓZÀ

## Carta de Rosa Luxemburgo para Sophie Liebknecht

***Prisão***  
[Breslau, antes de 24 de dezembro de 1917]

*Sonitchka, meu passarinho, fiquei tão feliz com sua carta, queria respondê-la imediatamente, mas naquele momento tinha tantas coisas a fazer e nas quais eu precisava me concentrar muito, por isso não pude me permitir esse luxo.*

*Ontem fiquei longo tempo deitada desperta – no momento nunca consigo dormir antes da uma hora, mas às dez já tenho de ir para a cama, porque a luz é apagada, então fico sonhando no escuro com várias coisas. Assim, ontem eu pensei: como é estranho que eu viva constantemente em um estado de alegre embriaguez – sem nenhum motivo especial. Aqui estou, por exemplo, numa cela escura, sobre um colchão duro feito pedra, na casa, ao redor de mim, resta o costumeiro silêncio de cemitério, a gente se sente como se estivesse num túmulo, através da janela a luz do poste que fica na frente da prisão e permanece acesa a noite inteira lança seus reflexos no teto. De tempos em tempos se ouve o ruído surdo de um trem que passa ou, bem perto sob a janela, a tossezinha da sentinela que dá uns passos lentos com suas botas pesadas para desentorpecer as pernas dormentes. Sob os passos dele o rangido da areia é tão desesperado que todo o vazio e a falta de perspectiva da vida ressoam na noite úmida e escura. Aqui estou eu, deitada, sozinha, envolto em todos estes panos negros da escuridão, do tédio, da falta de liberdade, do inverno – e meu coração bate com uma incompreensível, desconhecida alegria íntima, como se eu caminhasse à clara luz do sol por um prado florido. E no escuro sorrio à vida, como se soubesse de algum segredo mágico que castigasse tudo que há de mal e triste e o transformasse em pura clareza e felicidade. Eu creio que o segredo não é senão a própria vida; se a olharmos bem, a profunda escuridão da noite é tão bela e macia como o veludo; e o ranger da areia úmida sob os passos lentos e pesados da sentinela canta também uma pequena e bela canção da vida – basta que a saibamos ouvir. Em momentos como esse penso em você e gostaria tanto de lhe transmitir essa fórmula mágica de captar sempre e em qualquer situação o que há de belo e alegre na vida, para que você também viva em êxtase e caminha como que sobre um prado colorido. Não pretendo de modo algum contentá-la com ascetismo, com uma alegria lúsuria. Ofereço-lhe todas as alegrias verdadeiras dos sentidos que se possam desejar. Costaria apenas de lhe dar também minha inesgotável serenidade íntima, para poder me tranqüilizar a seu respeito, para que você pudesse caminhar pela vida envolto num manto bordado de estrelas que a protegesse de tudo quanto há de mesquinho, trivial e assustador.*

*■*

*■*

*■*

*■*

*■*

*Soniuca, caríssima, apesar de tudo fique tranqüila e alegre. Assim, na vida e assim temos lá ocasião de um coragem, sem hesitações, sorrindo – apesar de tudo.*



Cena da peça Róza, dirigida por Martha Kiss Perrone e Joana Levi.

foto: Marília Schorlach

*■*

## AÇÕES

# TE

## Challá

# TE



Bernardo Zabalago durante a ação Nossa Ch'alla.

foto: Laiza Sigalem

Aconteceu no dia 4 de abril a primeira ação do projeto *Nossa Voz*. Proposta pelo artista boliviano Bernardo Zabalago, a *Nossa Ch'alla*, performance baseada no ritual andino da ch'alla, foi a oportunidade para a Casa do Povo reafirmar seus

laços com o bairro do Bom Retiro e com a rede de pessoas que ocupam o espaço, além de uma forma de agradecimento aos fundadores da instituição sediada na Três Rios.

## Doris Criolla

*■*

*■*

*■*

A origem da palavra crioulo é controversa, mas a maioria das fontes concorda em se tratar de uma derivação do verbo “criar”, próxima ao substantivo também derivado, “criado”, e que teria sido empregada para se referir genericamente aqueles que nasciam no Novo Mundo. Nas colônias portuguesas, e especialmente no Brasil, crioulos eram os escravos negros nascidos na casa de seus “senhores”. de modo a distingui-los dos indivíduos escravizados deportados do continente africano. No Brasil, tal significado para crioulo, ao menos em princípio, cai em desuso a partir da Lei do Ventre Livre ou Lei Rio Branco, proibindo ato abolicionista no Brasil, promulgada em 28 de setembro de 1851, e que instituiu a liberdade aos filhos recém-nascidos de pais escravos. Atualmente, na língua portuguesa praticada no Brasil, o termo oscila entre usos pejorativos, referindo-se genericamente e de forma preconceituosa a negros e mulatos, e usos de valorização, como por exemplo quando aplicado às sementes “da terra”, chamadas sementes crioulas, que não foram geneticamente modificadas, assim como os seus frutos. É relevante notar que o uso positivo da palavra também pode ser percebido na autodenominação adotada pelo cantor, músico e compositor paulistano Kleber Cavalcante Gomes, o Criolo.

# Nossa Ch'alla

# TE

# TE

# TE

# TE

# TE

# TE

# TE

# TE

Em discurso inspirado, Jairo Degenzajin, presidente do conselho deliberativo, lembrou os propósitos que originaram o projeto da Casa do Povo. “Hoje, 60 anos depois da fundação da casa do Povo e 50 anos depois do empastelamento do jornal

*Nossa Voz*, estamos reunidos neste mesmo local, para, mais uma vez reafirmar os nossos propósitos históricos e, com vistas para o futuro, fazermos ouvir *Nossa Voz*.”

*■*

*■*

*■*

*■*

*■*

*■*

*■*

*■*

*■*

*■*

*■*

*■*

*■*

*■*

*■*

*■*

*■*

*■*

*■*

<sup>[1]</sup> Marcos Aizenberg é militante da Casa do Povo e membro do conselho deliberativo, atualmente desenvolve uma pesquisa a partir dos arquivos do Nossa Voz e faz parte do Comitê Editorial do jornal

## EDITORIAL

# NÃO CALAR A NOSTRA VOZ

Na seção judaica do comitê antifa-  
cista que se reuniu em 1937 em Paris,  
foi feita uma chamada internacional  
para preservar a cultura judaica  
progressista. As ferramentas eram  
simples: estava na agenda a cria-  
ção de uma escola, um teatro, uma  
biblioteca e um jornal, reunidos em  
um centro cultural. Fruto dessa cha-  
mada, a Casa do Povo foi inaugurada  
em 1953 em homenagem aos judeus  
que tinham morrido nos campos de  
concentração nazistas e foi pensada  
não para ser um memorial, mas para  
ser um monumento vivo. Isto é, um  
lugar onde a memória só existe se  
for ativada no presente. A tradução  
concreta dessa ideia está visível na  
construção de um prédio cru, nu, sem  
grandes placas comemorativas, sem  
agradecimentos pessoais, sem es-  
culturas. Com exceção do teatro que  
se encontra no subsolo, o programa  
arquitetônico do prédio é aberto e  
não está vinculado a um único tipo de  
uso. Foi construído seguindo um pro-  
jeto modernista, com plantas livres,  
para poder se adaptar às demandas  
do passar do tempo. Essa maleabili-  
dade permitiu que o prédio acolhesse  
diversas iniciativas já existentes no  
bairro, cumprindo, assim, a chamada  
de 1937 ao reunir no mesmo espaço a  
biblioteca do Centro Cultura e Pro-  
gresso, o grupo de teatro Dramkraiz,  
a Escola Scholem Aleichem e, claro,  
o jornal *Nossa Voz*, que tinha suas  
gráficas no bairro e existia na zona de  
influência da Casa do Povo.

De abril de 1947 a abril de 1964, o  
jornal *Nossa Voz* (ou *Unzer Schtime*,  
como era conhecido em iídiche)  
arraigado na comunidade judaica  
progressista e na esquerda brasileira,  
acompanhou as atividades da Casa  
do Povo e comentou, com agudo  
olhar crítico, os acontecimentos  
políticos da época. Fechado pela  
ditadura civil-militar há 50 anos, o  
jornal volta a existir, em homenagem  
aos que foram calados e perseguidos  
nos anos 1960 e 1970, considerando  
as atuais necessidades e mudan-  
ças do contexto local, nacional e  
internacional, de ordem política,  
social e cultural. No Bom Retiro os  
letrados em iídiche deram lugar aos  
letrados em coreano, e novos fluxos  
migratórios mudaram as feições do  
bairro. No âmbito nacional, o pro-  
cesso de democratização do Brasil  
se consolidou, e reflexões críticas  
em relação aos anos da ditadura vêm  
sendo elaboradas, tendo como um  
dos exemplos, a criação da Comissão  
Nacional da Verdade. De forma mais  
difusa, as ideologias macropolíticas  
que marcaram o século XX, como o  
comunismo, perderam parte da sua  
representatividade política e passam  
por processos de questionamento e  
reformulação. Mas as urgências da  
atualidade parecem carregar proble-  
mas que persistem no país: violação  
dos direitos humanos, repressão  
oficial, desestabilização dos regimes  
democráticos, desigualdade social,  
políticas urbanas predatórias, entre  
outras que seguem ocorrendo.

Quando *Nossa Voz* foi lançado em  
1947, não foi necessário justificar  
a sua razão de existir. As mesmas  
inquietações nos parecem hoje  
suficientes para explicar seu retorno.  
O que mudou, porém, é a nossa per-  
spectiva de atuação. Não pretendemos  
relançar o jornal nos seus moldes  
originais, mas prolongar sua força e  
potência originárias. Enquanto a base  
dos leitores deste jornal se desfaz  
com o passar do tempo, novas plata-  
formas (virtuais ou impressas) para  
o debate político se multiplicaram e  
cumprem hoje as antigas funções do  
*Nossa Voz*. Diante disso, o nosso com-  
promisso deve se dar em diferentes  
frentes e a partir de outros viéses,  
talvez mais silenciosos, porém, não  
por isso, menos potentes. Com a volta  
do jornal, pretendemos desenvol-  
ver ações na esfera micropolítica,  
implementando transformações no  
nosso entorno, com o objetivo de que  
estas possam reverberar em um nível  
maior. Partimos do bairro e seguimos  
engajados na medida em que nos re-  
lacionamos com ele, em diálogo com a  
cidade e com o mundo.

O projeto atual do *Nossa Voz* pre-  
tende compor células de resistência,  
gerando fissuras transformadoras  
que se desdobram para além da pla-  
taforma impressa. Para isso, foram  
convidados artistas e coletivos para  
propor ações no bairro que simul-  
taneamente repercutem no jornal.  
Alguns dos convidados são do Bom  
Retiro, outros não, mas todos têm  
em comum o fato de trabalhar de  
forma colaborativa. Pretendemos  
defender certa forma de engajamen-  
to, e ao mesmo tempo, incentivar  
um determinado tipo de produção  
artística que surge, cresce e se  
estabelece no encontro e no diálogo –  
por vezes conflituoso – com o outro.  
Nessa perspectiva, o Bom Retiro é  
um espaço formidável de experi-  
mentação, onde a alteridade se dá na  
cultura, na sua diversidade social e  
nas várias possibilidades de usos da  
cidade. Muitas ações que estão sendo  
desenvolvidas para o *Nossa Voz* são  
imateriais ou temporárias – festas,  
jantares, debates, performances,  
oficinas, instalações precárias – nem  
por isso, sua existência será menos  
duradoura. O primeiro rastro de cada  
ação estará marcado na memória e  
nos corpos dos diretamente envolvi-  
dos; o segundo rastro se faz presente  
neste jornal que pretende não apenas  
registrar, mas também comentar  
críticamente essas diversas ações;  
o terceiro, acreditamos, surgirá nas  
suas consequências transformadoras  
no bairro.

Os artistas convidados integram o  
conselho editorial do jornal, que é  
também composto por membros de  
instituições vizinhas, integrantes  
do conselho deliberativo da Casa do  
Povo e outros participantes do pro-  
jeto. A decisão de formar esse comitê  
com base ampla partiu do desejo de  
que o *Nossa Voz* seja uma iniciativa  
coletiva em todos os seus âmbitos,  
transformando-se em um espaço com-  
mum de ideias, debates e diálogos. As  
trocas que acontecem nas reuniões  
do comitê são de extrema importân-  
cia para o projeto e pretendem re-  
verberar em cada ação proposta e em  
cada edição do jornal. O grupo que  
se forma nesses diálogos é o núcleo  
de uma comunidade maior, em devir,  
que será ampliada a cada número  
e que poderá se mobilizar ao redor  
da ativação do bairro, da Casa do  
Povo e da sua história.

Segundo os fundadores da Casa do  
Povo, lembrar é agir. Por isso, ao  
longo de seus 60 anos de existência, a  
Casa do Povo se tornou o monumen-  
to vivo que pretendia ser, não apenas  
relacionado à *Shoah*, mas também  
ligado à formação do bairro do Bom  
Retiro, às vanguardas educacionais  
e teatrais, à resistência à ditadura, à  
militância incansável por causas hu-  
manitárias e antifascistas, no Brasil  
e no mundo, e, também, nos últimos  
anos, referente à decadência da re-  
gião central da cidade de São Paulo,  
explicando o estado atual do prédio.  
Relançar o jornal, é lembrar e ativar  
o poder crítico da Casa do Povo no  
presente, e acrescentar novas cama-  
das à sua história. Se conseguirmos  
transformar esse jornal em um espa-  
ço comum, ou até público, no papel  
impresso, poderemos então trazer a  
Casa do Povo de volta à cena cultural  
paulistana. Começamos com o jornal  
no seu novo formato, e seguiremos  
com o teatro, a escola e a biblioteca,  
reunidos em um centro cultural –  
a Casa do Povo.

## FICHA TÉCNICA

**Curadoria** Benjamin Seroussi  
e Mariana Lorenzi

**Produção** Anamaué  
**Fotografia** Luiza Sigulem  
**Projeto gráfico** Estúdio Campo  
**Gráfica** Meli-Melo e Performance  
**Revisão** Alicia Toffani

**Artistas e coletivos convidados**  
Amilcar Packer, Bernardo Zabalaga,  
Beto Shwafaty, GIA Bahia, Kuk  
Jae Shin e Bong Sook Koh (Estúdio  
Jaguenguein), Pedro Wirz e  
Voodoohop.

**Comitê editorial** Amilcar Packer,  
Bernardo Zabalaga, Benjamin  
Seroussi, Beto Shwafaty, Celso Curi,  
Daniel Lie, Estúdio Campo, GIA  
Bahia, Jairo, Kuk Jae Shin e Bong  
Sook Koh (Estúdio Jaguenguein),  
Lilian Starobinas, Luiza Sigulem,  
Marcos Azjemberg, Mariana  
Lorenzi, Michelle Gonçalves, Mila  
Zacharias, Nina Kunston, Paul  
Duboc, Pedro Wirz, Valéria Piccoli e  
Voodoohop.

**Instituições parceiras** Arquivo  
Histórico Municipal, FabLab,  
Oficina Cultural Oswald de Andrade,  
Pinacoteca do Estado de São Paulo  
e SESC Bom Retiro.

[jornalnoavoz.wordpress.com](http://jornalnoavoz.wordpress.com)



Produção:  
anamaué

Parceiros:

PINACOTECA



Realização:

CASA  
DO POVO



## ANÚNCIOS

# Leiam e difundam!

Para anunciar no *Nossa Voz*, ou  
para se associar à Casa do Povo e  
participar da história da instituição:

[info@casadopovo.org.br](mailto:info@casadopovo.org.br)

As edições do jornal *Nossa Voz*, a par-  
tir do número 988, de 25 de outubro  
de 1963, estão perdidas! Acreditamos  
que a última edição, antes de seu fe-  
chamento pelo golpe civil-militar em  
abril de 1964, foi o 1010, motivo pelo  
qual enumeramos essa nova edição  
como 1011.

Se você possui algum desses números  
ou conhece alguém que possua, envie  
um *email* para [info@casadopovo.org.br](mailto:info@casadopovo.org.br)  
e nos ajude a conhecer o nosso  
passado para escrevermos o nosso  
futuro!

## ACONTECE NO BAIRRO

**Casa do Povo**

**Até 11  
de maio**

**Róza**

Direção: Martha Kiss Perrone  
e Joana Levi. Sex.-Dom. às 20h.  
R\$30,00 (inteira), R\$15,00 (meia).

**A partir de  
8 de maio**

**Postcodes**

Primeira exposição do projeto  
Postcodes exhibe obras dos artistas  
Adriano Costa, Pedro Neves  
Marques, Dan Rees, Mandla Reuter,  
Emanuel Rohss, Max Ruff, Sanja  
Todorovic, Erika Verzutti  
e Hannah Weinberger.

**Pinacoteca**

**Até 4  
de maio**

**Tino Seghal**

O artista britânico Tino Seghal  
apresenta seus trabalhos *O beijo*,  
*Isto é bom*, *Isto é propaganda*  
e *Isto é novo*.

**Oficina Cultural  
Oswald de Andrade**

**Até 17  
de maio**

**Monroy's living cliché  
since 1984**

Mostra curada por Julia Lima,  
reúne registros de performances  
em vídeos, fotos e xerox, além de  
objetos do artista usados em suas  
obras, e conta também com uma  
programação de "re-formances" que  
serão realizadas por Monroy durante  
todo o período da exposição.

**SESC Bom Retiro**

**Até 25  
de maio**

**Panos**

Com curadoria de Sonia Kiss e  
Renato Imbriosi, a exposição *Panos*  
olha para os usos culturais da  
matéria-prima nos diferentes lugares  
do mundo.